

OLHARES DOCENTES

A poética de Alda Lara¹

Anderson Felix dos Santos

Estudante de Letras - Português/Espanhol (UFPE)

Partindo, primeiramente, da leitura do poema “Prelúdio” da escritora Moçambicana, e em seguida da leitura do artigo “*Poemas*, de Alda Lara: Para uma leitura da infância”, é possível estabelecer a poética da memória e da infância como elemento importante para composição da estética da poetisa.

Essa inclinação temática começa a ser observada desde o título, que marca a primeira parte de uma série de recordações que serão desenvolvidas no poema. O eu lírico inicia uma jornada acompanhada pela imagem da Mãe-Negra, associada a infância, e faz diversas negativas de elementos relacionados a essa fase, tais quais vestidinhos e brincadeiras. Essa visão de infância pode ser considerada como uma alegoria ao período no qual a escritora passou afastada de sua pátria.

Mas a memória permanece, segue embalando a imagem de outras tantas pessoas afastadas da pátria, como ela. E o que resta é o berço vazio desses sujeitos e uma saudade intensa que modula o poema, com fortes marcas orais de um chamamento da infância pela memória. Destacam-se também os empregos do tempo verbal, constantemente no presente, indicando essa figura saudosa que no momento dado tenta recuperar os tempos, as lembranças e as pessoas que se foram.

REFERÊNCIAS:

FERREIRA, C. POEMAS, DE ALDA LARA: PARA UMA LEITURA DA INFÂNCIA. *Revista Crioula*, n. 4, 1 nov. 2008.

PRELÚDIO

Alda Lara (para Lídia, minha velha ama negra)

Pela estrada desce a noite
Mãe-Negra desce com ela.

Nem buganvílias vermelhas,
nem vestidinhos de folhos,
nem brincadeiras de guizos
nas suas mãos apertadas...

Só duas lágrimas grossas,
em duas faces cansadas.

Mãe-Negra tem voz de vento,
voz de silêncio batendo
nas folhas do cajueiro...
tem voz de noite descendo
de mansinho pela estrada.

... Que é feito desses meninos
que gostava de embalar?
Que é feito desses meninos
que ela ajudou a criar?
Quem ouve agora as histórias
que costumava contar?...

Mãe-Negra não sabe nada.
Mas ai de quem sabe tudo,
como eu sei tudo,
Mãe-Negra...

É que os meninos cresceram,
e esqueceram
as histórias
que costumavas contar...
Muitos partiram pra longe,
quem sabe se hão de voltar!...

Só tu ficaste esperando,
mãos cruzadas nos regaços,
bem quieta, bem calada...

É tua a voz deste vento,
desta saudade descendo
de mansinho pela estrada...

*Resistência Africana-Antologia Poética,
Diábril Editora, 1975 - Lisboa, Portugal.*

¹ Trabalho realizado no âmbito no curso Introdução à Literatura Angolana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2018, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.